

De Fora no Interior

Espaços efêmeros e performativos

PAULA MELÂNEO | apmelaneo@yahoo.com

O colóquio De Fora No Interior, idealizado pela curadora Julia Albani, aconteceu nos passados dias 2 e 3 de novembro, no Instituto Francês de Portugal e no Instituto Goethe, em Lisboa. A proposta foi a discussão em torno de “espaços efêmeros e do significado performativo da arquitetura”, explorando as fronteiras e a amplificação do âmbito da arquitetura.

O primeiro dia abriu com a conferência de Patrick Bouchain no Instituto Francês de Portugal, que nos imergiu na sua realidade produtiva de instalação de estruturas temporárias. Este experiente arquiteto e cenógrafo francês, pioneiro na reorganização e transformação de espaços industriais, comerciais ou desportivos em equipamentos culturais, é um mediador entre vontades sociais e forças políticas. Por ter trabalhado na área, é bom conhecedor dos trâmites políticos, o que lhe permite penetrar em vazios normativos, conseguindo o sucesso de projetos que por vezes parecem irresolúveis. Entre os muitos projetos que descreveu, destaca-se a “ocupação” do Pavilhão Francês na Bienal de Arquitetura de Veneza em 2006, do qual foi curador, com META-Villa: uma performance de como pode um pequeno grupo viver durante três meses num pavilhão cuja função é apenas expositiva, sem qualquer tipo de infraestrutura.

Bouchain, até na sua apresentação foi completamente performativo. Privilegiou a envolvimento do discurso, mostrando a importância da proximidade e da discussão “olhos nos olhos”, da aproximação aos interlocutores para o seu direto envolvimento. Este é também a metodologia que procura nos projetos, garantindo assim a participação ativa de todos os intervenientes – clientes, decisores, projetistas e público. A imagem/fotografia ficou para o final da apresentação, evidenciando o seu papel secundário, e foi usada como um recurso muito economizado.

No segundo dia, o Instituto Goethe recebeu os oradores de diferentes nacionalidades para o colóquio: Patrick Bouchain (Paris); Patrícia Barbas e Diogo Seixas Lopes (Lisboa); Alex Schweder (Nova Iorque/Berlim/Londres); Magnus Nilsson e Ralf Pflugfelder (Londres/Berlim); Torsten Blume (Leipzig); Tim Simon (Berlim) e João Quintela (Madrid/Lisboa), que vieram falar sobre o seu trabalho, tendo “O salão como conceito – o pavilhão como estrutura” como mote de debate.

A curadora Julia Albani (Lisboa/Berlim), colaboradora da Trienal de Arquitetura de Lisboa em 2010, fez uma introdução propondo que o tema fosse pensado sob os conceitos “Doubt, Delight and Change”, relembrando a proposta de Cedric Price. Apresentou diversos exemplos de arquiteturas efêmeras, performativas ou de intervenção no espaço público, como os projetos Underneath dos MAPoffice de Hong Kong, que questiona espaços de “conflito” com a malha urbana, como as áreas debaixo de viadutos; Spacebuster do atelier alemão Raumlabor, que foi desenvolvido a convite da Storefront para explorar as qualidades e possibilidades do espaço público em Nova Iorque em 2008; o concurso Performance Architecture para intervenções urbanas apresentadas em durante Guimarães 2012; a obra do francês Didier Fíúza Faustino, que expôs “Don’t Trust Architects” no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa em 2011, onde as peças expostas implicam uma tensão e participação do visitante ou o projeto SAAL, onde a própria Arquitetura foi o centro da “performance” (com os seus atores e com o público/povo) num contexto político muito particular da história portuguesa.

Diogo Seixas Lopes, na sua intervenção, falou-nos do projeto desenhado com Patrícia Barbas (Barbas Lopes Arquitectos), o Salão Goethe, concebido para acolher o 50º aniversário do Instituto Goethe em Lisboa. Uma estrutura pentagonal, convertível e com capacidade



Nilsson e Pflugfelder: On-Site, Gwangju Biennale, Coreia do Sul, 2011; Verbandkammer, Manifesta 9, Genk, Bélgica, 2012



Patrick Bouchain, Centre Pompidou Mobile, 2012.

para ser itinerante e palco para diferentes (perform)atividades, que aguarda verbas para ser realizado.

Patrick Bouchain veio desta vez explicar-nos o conceito por detrás do seu Centre Pompidou Mobile, um museu itinerante onde a sua simplicidade vive em simbiose com a complexidade do seu uso – mostrar algumas das peças de Arte mais importantes do mundo (pertencentes à coleção do Centro Pompidou parisiense). Como explicou Bouchain, neste projeto o “caderno de encargos” deixou de ser o correspondente ao de um museu, para se aproximar ao exigido ao meio de transporte das peças desse museu.

Torsten Blume envolveu-nos nas práticas performativas do projeto Play Bauhaus e da introdução do corpo como elemento central da

experiência do espaço e o seu movimento como dinamizador das estruturas arquitetónicas. O seu trabalho recupera o histórico Bauhaus Theatre como laboratório criativo na prática do ensino e de estímulo pedagógico.

Também Alex Schweder nos fez visitar o seu trabalho, que tem vindo a ser apresentado em diversas exposições, num campo muito próximo da intervenção artística. Na conceção dos seus dispositivos espaciais tem grande atenção ao que poderá ser o comportamento e a ação do utilizador. Entre as suas peças performativas está Counterweight Roommate de 2011: uma estreita torre transformada em casa vertical, que Schweder e outro *performer* ocuparam durante 5 dias, ligados por um cabo. Ambos com o mesmo peso, tinham de usar o espaço em

contrapeso, ou seja, se um usava o topo da torre o outro teria de usar a base e vice-versa. O centro da torre era o seu ponto de encontro. Uma intervenção que questiona, entre outras coisas, a constante mediação necessária sobre a utilização do espaço pelas duas partes implicadas.

Magnus Nilsson e Ralf Pflugfelder definem a sua prática como “situada na intersecção de projeto espacial crítico, arquitetura, arte e discurso”. Guiaram-nos entre inúmeros dos seus projetos, novos modelos sociais e espaciais que criam, visando manipular a interação entre as pessoas, como os espaços de debate críticos frontais Backbench (Manifesta 8, 2010) e On-Site (Bienal de Gwangju de 2011), ou a instalação Verbandkammer (Manifesta 9, 2012) que repensa e comunica, através de um espaço, a realização de diferentes funcionalidades paralelas. Por fim, Tim Simon e João Quintela apresentaram o seu Pavilhão KAIROS, recentemente inaugurado na Lx Factory em Lisboa. Um exemplo de como esta persistente dupla de jovens conseguiu defender e realizar um Pavilhão em betão pré-fabricado, superando os obstáculos comuns à crise económica portuguesa e fazer com que patrocinadores e apoiantes acreditassem também na qualidade do seu projeto.

No fim deste excelente colóquio, moveram-se cadeiras e mesas para preparar um debate próximo entre o público e os oradores.

Este campo de trabalho do arquiteto – espaços efémeros e performativos – tem vindo a aumentar os adeptos em Portugal, sobretudo nas gerações mais novas. Não deixam de existir exemplos de prémios Pritzkers e arquitetos-autor a realizar pavilhões e estruturas efémeras, embora na maioria das vezes isso acontece por encomenda de instituições de renome (como a Serpentine Gallery ou a Bienal de Arquitetura de Veneza). No entanto, para se construir um trabalho participativo, com implicação direta de públicos e comunidades é também preciso ter uma criatividade, visão e modo de trabalhar mais libertos dos cânones da profissão e uma posição muito mais proactiva por parte do arquiteto.

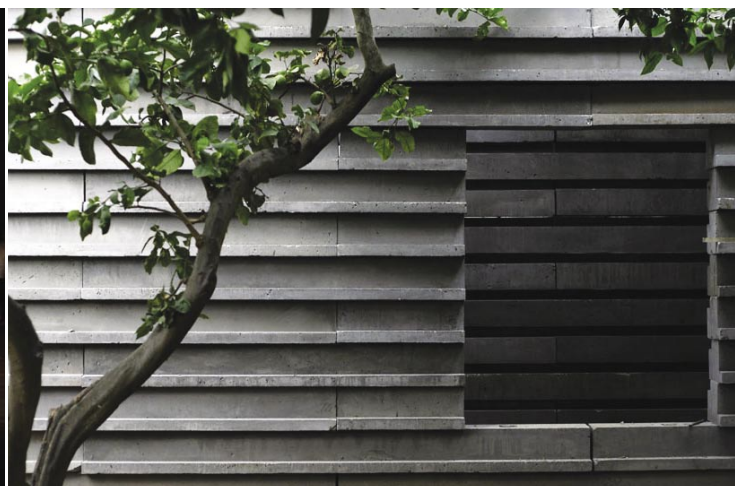
Já fora do colóquio, lembramo-nos de exemplos recentes de projetos deste âmbito performativo e efémero, além dos já referidos Performance Architecture de Guimarães 2012, existem outros com paralelismos aos apresentados neste colóquio. Com o intuito de poder fazer a Arte chegar a mais pessoas e captar novos públicos, foi criado em Lisboa em 2012 um pequeno museu temporário, um tímido Pavilhão em madeira do MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga, projeto de Manuela Fernandes. Um pequeno oásis de objetos preciosos que contrasta com o contexto aluminizado que o envolve, no Centro Comercial Colombo.

As práticas que se centram na performatividade do corpo recordam-nos, por exemplo, o trabalho que tem sido desenvolvido pelo coletivo Os Espacialistas: o corpo é o elemento que integra a envolvente, como uma peça de encaixe, durante a sua ocupação temporária dos espaços, que registam fotograficamente, manipulando a imagem por reflexos ou efeitos de perspetiva, criando uma espécie de *trompe l'œil*. Uma das suas intervenções mais interessantes teve lugar na residência que fizeram na Red Bull House of Arts em 2011, na Lx Factory em Lisboa, comissariada por Delfim Sardo. Outro exemplo, a intervenção de Pedro Campos Costa, um pouco mais radical e crítica, mas pontual, de iluminação de Natal da Praça Luís de Camões em Lisboa, em 2011, em que eram as próprias pessoas que faziam a iluminação, transportando pequenas luzes, levando ao extremo a materialização do objeto no corpo e a dinamização do espaço por ele. Só havia iluminação com a presença de pessoas, com o espaço vazio as luzes não existiam. Uma evidência de que os espaços são feitos para e pelas próprias pessoas, que dele usufruem (e não só pelos arquitetos!).

Por fim, resta-nos esperar que em breve seja possível assistir a novas instalações performativas e à programação do Instituto Goethe, no interior do salão-pentágono de Barbas Lopes. ■



Torsten Blume: performance



Tim Simon e João Quintela: Pavilhão KAIROS, Lx Factory Lisboa, 2012



Alex Schweder: Counterweight Roommate Scope Basel, Suíça, 2011